

Comunicação: O pequeno comércio em Camargos e Vila do Carmo – um estudo comparativo (1733-1755)

Flávio Rocha Puff
Mestrando da UFJF

O pequeno comércio fixo apesar de ser uma atividade econômica de caráter essencialmente urbano esteve nas Minas setecentista disseminado no meio rural, sobretudo nos caminhos que levavam a região de extração mineral dando origem a muitas localidades no período. Mafalda Zemella ao citar Augusto de Lima Junior coloca os estabelecimentos comerciais como as primeiras edificações em um núcleo urbano.

“(...) descrevendo a formação dos núcleos urbanos nas Gerais, aponta os ranchos a casas de venda como motivos determinantes da localização das capelas e igrejas. Considera ele os pousos de bandeiras, ranchos e casas de venda, lojas, etc, como os pontos iniciais do povoamento pondo em segundo plano as capelas e igrejas.”¹

Dentro desse contexto, nossa apresentação tem por finalidade fazer um estudo comparativo entre duas localidades mineiras no século XVIII, uma com características urbana e outra rural. A primeira é a freguesia-sede do termo da Vila de Nossa Senhora do Carmo (a partir de 1748 seu nome muda para Mariana quando também é elevada a condição de Cidade) e outra a freguesia de Camargos a qual faz parte do mesmo termo. Para fazer a distinção das duas localidades em urbana rural levamos em consideração os seguintes aspectos: Vila do Carmo por ser a sede do Termo é o centro político de uma vasta região, congregando em seu interior um quadro de funcionários régios, uma grande circularidade de pessoas vindas das mais diversas regiões em busca de serviços diversos, além de ser um núcleo populacional volumoso para os padrões da América portuguesa do século XVIII. Já o enquadramento de Camargos enquanto rural se dá pelas dimensões econômicas da freguesia a qual encontra-se entre as menores do Termo e tem entre seus moradores uma significativa parcela de pagadores de dízimos, o que denota

¹ Apud: ZEMELLA, Mafalda. O abastecimento da Capitania de Minas Gerais no século XVIII. São Paulo: USP, 1951. p. 175

ser um local de produção para abastecer o mercado interno². Os dízimos a que referimos dizem respeito à tributação que recaia sobre a parte da produção agrária comercializada no triênio. Entretanto, ao afirmarmos que Camargos trata-se de uma localidade predominantemente rural não estamos eliminando o espaço urbano onde acontecia a prática do comércio de *pequeno trato* na freguesia. Tal enquadramento se faz pela ligação entre o campo e a zona rural que é mais forte nessa localidade uma vez que 34% dos produtores rurais listados como pagadores de dízimos aparecem como pequenos comerciantes. Infelizmente não temos os dados de dizimistas para Vila do Carmo, mas é sabido que a produção de mantimentos acontecia aí era de pequeno porte limitando-se a pequenas roças na periferia da freguesia³.

Como citamos anteriormente a proposta dessa exposição é se ater a comparação dos dados referentes ao pequeno comércio nas duas localidades mencionadas. Para tanto, seriamos e quantificamos os Registros de Fianças das Coimas das duas freguesias no período de 1733 a 1753. A Fiança das Coimas foi uma maneira encontrada pelas Câmaras municipais de garantirem o pagamento de eventuais multas provenientes de alguma irregularidade que poderiam ser cometidas por donos de lojas de fazenda seca, venda de molhados e oficiais mecânicos. Entre as possíveis irregularidades estão a não obtenção de licenças, pesos e medidas irregulares, preços abusivos, a questão sanitária do estabelecimento, entre outras. Exigia-se então, um fiador que garantisse o pagamento das coimas (multas), no ato do requerimento de licença para atuar no mercado local. Tal registro recaia, principalmente sobre o pequeno comércio e, por isso, seu registro torna-se uma das fontes fundamentais para estudarmos tal atividade. Outro aspecto importante dessa fonte é a remissão a uma rede de reciprocidades entre fiador e afiançado atingindo todos os níveis hierárquicos do comércio local, desde o dono de loja de fazenda seca chegando a negra de tabuleiro. Todavia, essa rede será melhor analisada no decorrer de nossa pesquisa por meio do cruzamento com outras fontes, por exemplo as dívidas inventariadas.

O registro é feito anualmente, sempre que se renovam as licenças para o funcionamento, porém, um dono de loja de fazenda seca que aparece em 3 vezes sendo afiançado, não necessariamente corresponde a 3 anos a frente desta loja. Isto porque, em muitos casos, temos uma pessoa que aparece em 5 registros, mas, se tomarmos os anos

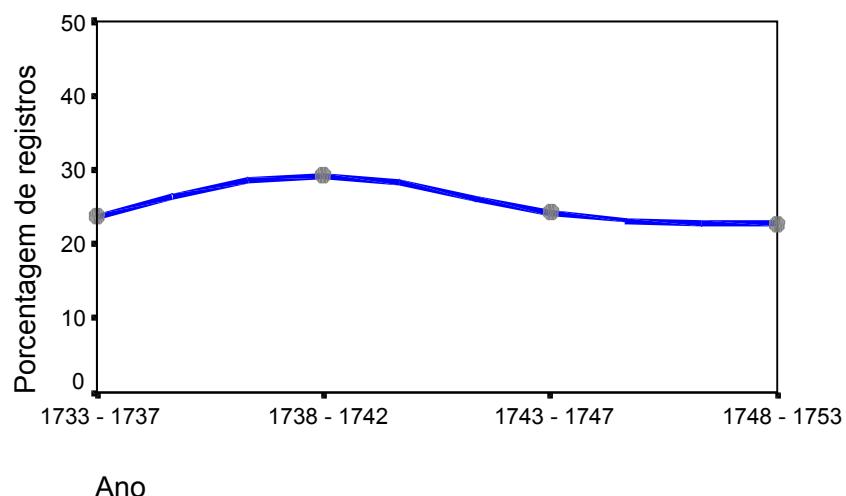
² Encontramos entre no triênio 1751-1754, 55 pagadores de dízimos dos mais variados valores. CC 2040.

³ CARRARA. Ângelo Alves. Agricultura e pecuária na Capitania de Minas Gerais (1674-1807). Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. (Tese de Doutorado). p. 83

o total pode ultrapassar, ou mesmo, ser inferior a este número. Isso se explica no primeiro caso pela ausência do dono do estabelecimento para obter sua licença junto a Câmara, já no segundo o que pode acontecer é o caso da pessoa ser dona ao mesmo tempo de venda de molhados e loja de fazenda seca, já que a fiança é por estabelecimento ou mesmo ser proprietária de mais de um estabelecimento de mesma modalidade como são os casos de (citar o nome de alguns comerciantes). O documento contém as seguintes informações: localidade do registro, o nome do afiançado, do fiador, o tipo de ramo de negócio que se está fiando e a data do registro.

Dessa forma formamos um banco de dados com essa documentação e a seguir faremos uma análise comparativa de cinco aspectos referentes ao pequeno comércio em Vila do Carmo e Camargos seguindo essa seqüência: quantidade de registros no período, sexo dos comerciantes, condição social, tipos de ramos do pequeno comércio e por fim níveis de estabilidade no pequeno comércio. Vale ressaltar que aterremos em nossa apresentação apenas a análise de dados não cabendo uma discussão acerca da historiografia do tema.

Gráfico de variação dos registros de coimas e fianças de Camargos (1733-1753)

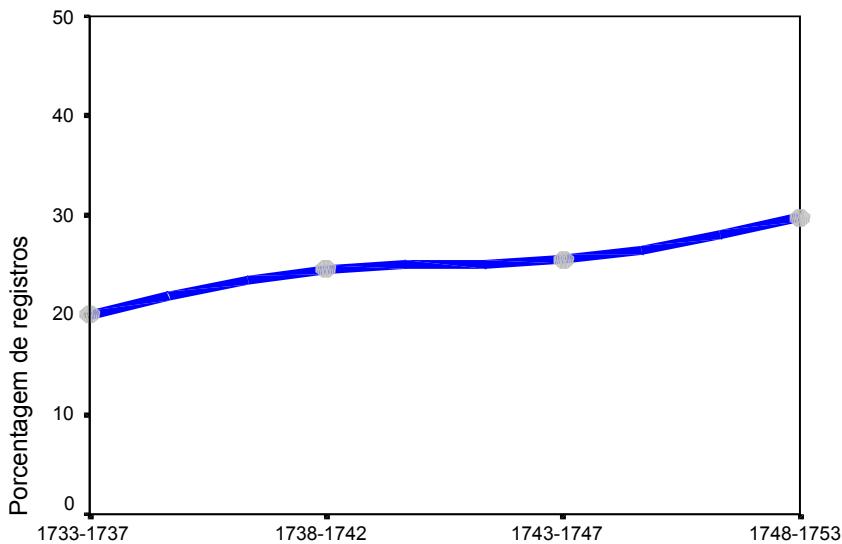


Ano

Fonte: AHCMM, Reg. de coimas e fianças cod. 133, 168, 172, 383, 570

646, 648, 649, 652 e 664

Gráfico de variação dos registros de coimas e fianças da Vila de Nossa Senhora do Carmo (1733-1753)



Fonte. AHCMM, codices, 123, 133, 168, 172, 383, 570,
646, 648, 649, 652, 664,

Os dois gráficos apresentam a quantidade percentual dos registros de coimas e fianças em períodos de cinco em cinco anos sendo que o último agrupamento é de seis anos. Do total de freqüência de registros de Camargos encontramos 716 registros enquanto para Vila do Carmo esse número chega a 2387, uma diferença de 333%, o que já mostra uma diferença significativa de uma praça para a outra. Todavia, o que nos chama mais a atenção nesses gráficos são as tendências evolutivas nas duas localidades. Depois de terem trajetórias de aumento dos índices percentuais de registros até 1742 semelhantes, a partir desse ano Camargos tem um declínio no número de fianças demonstrando sinais de estagnação das atividades comerciais. Por outro lado, nos anos subsequentes a esse, Vila do Carmo tem um curso ascendente de fianças. A explicação para tal ocorrência está ligada as movimentações no interior da economia dessas duas praças de mercado. A metade do século dezoito mineiro significou para

muitas regiões mineiras uma fase de transformações, sobretudo nas atividades econômicas⁴.

Sexo dos comerciantes afiançados em Camargos (1733-1753)

Sexo	Nº de comerciantes	Porcentagem
Masculino	142	73,2
Feminino	52	26,8
Total	194	100,0

Fonte. AHCMM, de coimas e fianças, cod. 133, 168, 172, 383, 570, 646, 648, 649, 652 e 6

Sexo dos comerciantes afiançados em Mariana (1733-1753)

Sexo	Nº de comerciantes	Porcentagem
Masculino	458	76,3
Feminino	142	23,7
Total	600	100,0

Fonte. AHCMM, de coimas e fianças, cod. 123, 133, 168, 172, 383, 570, 646, 648, 649, 652 e 664

Para efeito de comparação nas tabelas referentes a sexo, condição social, tipos de estabelecimento e estabilidade retiramos os registros que constam de indivíduos que aparecem apenas como oficiais mecânicos ficando, portanto, apenas aqueles que dizem respeito a algum tipo de envolvimento com o comércio de pequeno trato. Antes de fazermos a análise da participação de homens e mulheres é importante notarmos a

⁴ ALMEIDA, Carla Maria Carvalho. Capitania de Minas Gerais de 1750-1850: base da economia e tentativa de periodização. In: *Revista do LPH*, Nº5, pp. 88-111, 1995

proporcionalidade de comerciantes em relação àquela apontada para o número de registros. Enquanto deparamos com 333% de registros a mais de Vila do Carmo em comparação com Camargos, temos um percentual próximo no número de agentes mercantis, 309% uma pela outra.

Com respeito à proporção de homens e mulheres podemos perceber que não há uma diferença expressiva em relação às duas localidades. A variação é de 3,1% a mais de homens em Vila do Carmo do que em Camargos e claro a mesma proporção inversa para mulheres. A menor participação de homens na atividade mercantil em Camargos está ligada a vinculação destes a outras atividades econômicas e principalmente a produção rural atividade essencialmente masculina⁵.

Condição social dos comerciantes afiançados em Camargos (1733-1753)

Condição social	Nº de comerciantes	Porcentagem
Livre	145	74,7
Forro	29	14,9
Escravo	20	10,3
Total	194	100,0

Fonte. AHCMM, de coimas e fianças, cod. 133, 168, 172, 383, 570, 646, 648, 649, 652 e 664.

Condição social dos comerciantes afiançados de Mariana (1733-1753)

Condição social	Nº de comerciantes	Porcentagem
Livre	462	77,0
Forro	73	12,2
Escravo	65	10,8
		100,0

⁵ PU
Can

Muitos mais, que fazer a relação entre a presença dos diferentes seguimentos sociais no pequeno comércio de Camargos e Vila do Carmo é interessante analisarmos a estrita relação de proporcionalidade dessa variável, com a de sexo na montagem do perfil do pequeno comerciante nas duas localidades. Quando compararmos a porcentagem de homens com a de livres em Vila do Carmo e forros somados aos escravos com a porcentagem de mulheres a variação não chega a 1%. Em Camargos a diferença é pouco mais de 1%. Tais dados ratificam o perfil do pequeno comerciante como sendo de homens livres e mulheres forras e escravas.

Completando o perfil das mulheres forras e escravas cabia a essas comerciantes o comércio de molhados. Isso porque na análise de todos os registros em momento algum encontramos uma forra como proprietária de uma loja de fazenda seca.

*“Verdadeira multidão de negras e mulatas, escravas e fôrras, percorriam com seus tabuleiros os morros e margens de rios onde se promovia a extração do metal aurífero, incitando os negros a gastar em quitutes o que não lhes pertencia”.*⁶

FIANÇAS POR RAMO DE ATIVIDADE DO PEQUENO COMÉRCIO EM MARIANA E CAMARGOS (1733-1753)

RAMO DE ATIVIDADE COMERCIAL	MARIANA	PORCENTAGEM	CAMARGOS	PORCENTAGEM
Venda de Molhados	337	74.4%	117	75%
LOJA DE FAZENDA SECA	88	19.4%	32	20.5%
CASA DE CORTE DE GADO	26	5.7%	5	3.2%
LOJA DE REMÉDIOS	2	0.5%	2	1.3%
TOTAL	453	100%	156	100%

Fonte. AHCMM, código, 123,133, 168, 172, 383, 570, 646, 648, 649, 652, e 664.

⁶ ZEMELLA, Mafalda.op.cit. p. 179.

Antes da analise do quadro acima vale ressaltar duas questões a primeira se refere a diferença do total de comerciantes que aparecem nas tabelas de sexo e condição social e número de estabelecimentos da tabela acima. Isso acontece devido a ausência da especificação, em parte dos registros, sobre que ramo do pequeno comércio se está sendo afiançado. O outro é com relação ao que seria a venda de molhados que mencionamos. Por venda de molhados estão presentes duas modalidades de se comercializar uma volante, que tem como principal agente as negras de tabuleiro, e a outra fixa. Infelizmente não temos como especificar uma da outra pela documentação consultada.

Fazendo uma analise mais detida da tabela podemos notar que há uma coincidente proporcionalidade entre o número de lojas de fazenda seca e as vendas de molhados, o que não deixa de ser surpreendente, uma vez que, se esperava que Vila do Carmo, por ser um lugar mais expressivo, tivesse uma praça de mercado mais sofisticada. Por sofisticada entendo uma praça com a maior presença de lojas de fazenda seca, pois esses estabelecimentos eram tidos como maiores e que atenderia uma demanda de produtos importados acessíveis a população de maior nível.

Quanto as casas de corte de gado esses estabelecimentos são mais representativos na Vila do Carmo do que em Camargos. Todavia, esse número ainda encontra-se subestimado, uma vez que, se refere ao de comerciantes, ou seja, no caso dos proprietários de casa de carnes é comum aparecer o mesmo sendo afiançado, na primeira localidade, em três ou mais vezes no mesmo ano como são os casos do Capitão Mor João Jorge Rangel, João de Souza Rodrigues, Manuel Gonçalves da Mota, Manuel Rabelo Borralho, entre outros. Uma explicação para essa menor presença de casas de carne em uma localidade como Camargos pode está ligada ao acesso a essa mercadoria que deveria ser por outros meios, ou mesmo, por produção própria.

O último tópico a ser trabalhado por nós nessa comunicação se refere a estabilidade e concentração de registros por grupos de freqüência. Para o estudo da estabilidade dos agentes mercantis a frente dos comercio de pequeno porte fizemos uma divisão dos grupos de comerciantes pelo número de vezes que esses aparecem sendo afiançados. Dessa forma fizemos a divisão em quatro níveis como podemos perceber nas tabelas abaixo.

Grupos de Freqüência dos registros de coimas e fianças por número de comerciantes e por porcentagem de registros em Mariana (1733-1753)

Grupos de Freqüência de registros	Nº DE COMERCIANTES	PORCENTAGEM DE COMERCIANTES	Nº DE REGISTROS	PORCENTAGEM DE REGISTROS
1 vez	307	51,2%	307	18,4%
De 2 a 5 vezes	213	35,5%	615	36,9%
De 6 a 10 vezes	62	10,3%	462	27,7%
Mais de 11 vezes	18	3,0%	284	17%
Total	600	100,0%	1668	100%

Fonte. AHCMM, CÓDICE, 123,133, 168, 172, 383, 570, 646, 648, 649, 652, E 664.

Grupos de Freqüência dos registros de coimas e fianças por número de

Grupos de Freqüência de registros	Nº DE COMERCIANTES	PORCENTAGEM DE COMERCIANTES	Nº DE REGISTROS	PORCENTAGEM DE REGISTROS
1 vez	88	45,4%	88	14,6%
De 2 a 5 vezes	76	39,2%	218	36,2%
De 6 a 10 vezes	22	11,3%	180	29,9%
Mais de 11 vezes	8	4,1%	116	19,3%
Total	194	100,0%	602	100,0%

comerciantes e por porcentagem de registros em Camargos (1733-1753)

Fonte. AHCMM, CÓDICE, 133, 168, 172, 383, 570, 646, 648, 649, 652, E 664.

O primeiro aspecto que nos chama atenção nas duas tabelas é o alto índice de instabilidade medido pela presença em apenas um registro. No caso da Vila do Carmo apresenta-se uma impressionante marca de 51,2% dos afiançados não passando do primeiro ano no pequeno comércio. Em Camargos temos um índice um pouco menor girando em torno de 6% em relação ao montante geral dos registros. Essa maior instabilidade da Vila vai determinar uma maior participação desses comerciantes que aparecem apenas uma vez na concentração dos registros girando em torno dos 4% a mais do que os de Camargos. Em contraposição os dois últimos grupos que apresentam índices melhores de estabilidade vão concentrar em Camargos um percentual maior de registros sendo a diferença de 4,5% do que os da sede do Termo. Em suma a praça de Camargos apresenta-se mais estável aos seus pequenos comerciantes. Uma explicação plausível talvez esteja no acesso a um meio estável de acesso a terra o que permite a esse pequeno comerciante aí residente ter acesso a mercadorias mais facilmente.